

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5. ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)	PORTO—1 DE JUNHO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)	N.º 5
	Trimestre..... 350 réis	—	Trimestre..... 600 réis	
	Semestre..... 700 „	ESCRITÓRIO—SANTA CATHARINA, 406, 4.º	Semestre..... 1200 „	
	Anno..... 12400 „		Anno..... 2400 „	

CAPACETES

No nosso ultimo numero occupamo-nos do machado, peça importante do armamento do bombeiro e hoje propomo-nos tratar do capacete, peça não menos importante e que serve de protecção para aquellos que tiverem de lutar mais de perto com as chammas e mais arriscados se encontram aos mil perigos do incendio.

A nossa vinbeta representa dois capacetes de sola, fabricados pela casa Shand, Mason & C.º, de Londres.

São muitos e variados os modelos, assim como as materias de que são compostos; mas parece-nos que não estaremos longe da verdade, se dissermos que tem a primazia o modelo reproduzido pela nossa gravura, não só pela elegancia da fórma, como pela disposição geral do capacete. Resguarda perfeitamente a cabeça, cara e pescoço; é sufficientemente leve reunindo ao mesmo tempo a precisa solidez.

Posto que igualmente fabricados de sola, os capacetes allemães carecem da elegancia dos inglezes, comquanto tenham a mesma solidez.

Os capacetes de Lisboa alli fabricados, não são tão solidos como quaesquer d'aquelles e deterioram-se mais facilmente. Têm comtudo a mesma elegancia e quasi o mesmo modelo.

Temos ainda o capacete francez de metal, tambem adoptado pela brigada de bombeiros de Londres, que tem o inconveniente de ser muito mais pesado e o de deteriorar-se mais promptamente, accrescendo ainda a circumstancia de ser mais difficil a limpeza.

Falta-nos ainda o capacete de pasta aqui fabricado e que algumas companhias já adoptaram, mas como esse é mais proprio para theatro do que para o serviço de incendios, mal parece ao nosso periodico occupar-se d'elle.

Em resumo, diremos que é indispensavel ao bombeiro um resguardo qualquer que lhe proteja a cabeça e que, segundo a nossa opinião, nenhum melhor do que o capacete inglez, que os bombeiros voluntarios do Porto primitivamente usaram e que infelizmente e bem contra a nossa opinião, vemos substituidos pelos de

metal, muito mais apparatusos, é verdade, mas que além de serem mais pezados, tornando-se por isso mais incommodos, não são de tão boa protecção.

Socorro contra fogo

MEIOS PRATICOS PARA A EXTINCCÃO DOS INCENDIOS E SALVAÇÃO DE PESSOAS E HAVERES

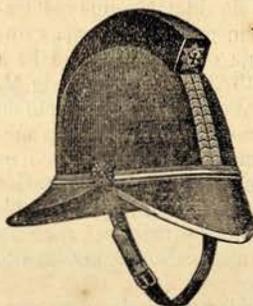
(Continuado do n.º 4)

Para formar um mixto inflammavel, o *grisou* e o ar devem concentrar-se em proporções convenientes: assim, a mesma corrente de gaz que no fundo da mina asphixia as pessoas e apaga as luzes, pôde, n'uma outra região, dar logar a uma simples inflammação, mais longe a uma explosão e n'uma quarta parte da mina ficar absolutamente inerte.

D'onde se segue que no interior dos trabalhos esses gazes, não são nem inflammaveis nem explosivos, e que só se incendiam quando a sua constituição fôr modificada, quer

percorrendo os diferentes compartimentos da mina, quer desembocando acima do solo.

Terriveis catastrophes, especialmente a de Frameries no mez de abril de 1879, tem sido produzidas pela existencia de fogueiras accesas na superficie do solo, mesmo por cima do poço d'entrada do ar que é ordinariamente o poço d'extracção do carvão. N'essas circumstancias, a corrente do gaz conseguindo repellar a corrente de ventilação desemboca á superficie do solo, atea o incendio no foco d'uma ou outra machina que lhe esteja proxima e transforma-se em uma enorme columna de chammas, elevando-se a quinze ou vinte metros acima do orificio do poço. Então opera-se a mais terrivel das explosões a que se seguem varias outras no interior dos subterraneos onde as chammas se communicaram instantaneamente: os trabalhos abalam-se até ás maiores profundidades, e a maior parte das pessoas que havia instantes escaparam á asphixia, morrem pelo fogo, pelo desmoronamento ou pela inundação.



A tal respeito, busquemos ainda na obra de M. Devaux a recommendação seguinte: «Que em todas as minas onde haja o *grisou* ou pelo menos n'aquellas onde se não tenha reconhecido a impossibilidade de encontrar bolsos de gaz comprimido na proximidade dos poços d'entrada d'ar, se observe ácerca d'esses poços e das suas proximidades as mesmas medidas de prudencia que nos poços de chamada, no que reipeita á illuminação e emprego das fogueiras.»

A lampada de segurança actual constitue por si propria um revelador do *grisou*: em presença d'esse gaz a chamma dilata-se, alonga-se, toma um tom azulado e cerca-se d'um nimbo da mesma côr: descobertos estes indícios, deve o mineiro retirar-se vagarosamente, levando a lampada muito baixa ou o que será melhor, apagando-a. Infelizmente, apesar d'esses indícios se manifestarem logo que o *grisou* occupa 3 % do ar ambiente, só quando a proporção atinge a 8,75 % é que as differentes phases da chamma se tornam perceptíveis, quer dizer no momento em que a explosão está já bem proxima. E depois é preciso que o mineiro saiba, por experiencia, avaliar o grau do perigo e que esteja constantemente a observar a lampada o que rasoavelmente não pôde ser exigido nem prohibido.

A invenção seguinte parece-nos satisfazer ás necessidades actuaes: aproveitando a propriedade que possuem os hydro-carburos d'alongar a chamma e de augmentar o seu poder calorifico, M. L. Somzée imaginou um pequeno apparatus de dilatação que colloca sobre as lampadas, põe em movimento uma campainha electrica logo que haja na atmosphera 1/12 a 1/15 de *grisou*, (6,66, a 8,33 %). A lampada de M. Somzée tem não só um avanço d'indicação de perto de 2 % mas os seus avisos são notados pelas pessoas menos attentas e menos experimentadas: além d'isso os seus effeitos tanto se pôdem fazer sentir no exterior como no interior das minas. Por meio d'uma combinação facil a extincção da lampada podia ser connexa com a partida do signal. Ha n'isso incontestavelmente materia para um exame sério.

E visto que fallamos de lampadas de segurança, seja-nos permittido insistir com o governo e com as sociedades d'exploração a que animem os esforços tendentes a substituir o systema d'illuminação existente por um outro menos perigoso. Parecem ser de merecimento algumas idéas apresentadas ha mezes e especialmente a applicação da electricidade e da luz reflexa e será para sentir que as experiencias se demorem por mais tempo por falta d'auxilio necessario.

Nós queriamos mais que em cada região onde se explora o carvão mineral se constituísse uma commissão permanente e um comité de vigilancia das minas. A primeira que se comporia de especialistas, engenheiros, chimicos, etc., teria a seu cargo o exame das invenções e propostas novas com relação á materia, fazer pesquisas, organizar experiencias e ter o governo e os interessados ao facto dos resultados conseguidos. O comité formado de homens experimentados mesmo sem conhecimentos technicos, tendo por missão fazer observar strictamente e em todo o tempo uma discipli-

na severa entre os operarios, e em vigiar com que todas as prescripções dos regulamentos decretados sejam rigorosamente seguidas.

Os gastos do costeiro e os emolumentos dos membros d'essas instituições seriam collectivamente satisfeitos d'uma parte pelo estado, pela provincia e pelas communes e do outro pelos exploradores das hulheiras.

Fogos de florestas

Esta especie de fogos estendem-se com rapidez quando rebentam em pinheiras ou em logares plantados de arvores novas e resinosas e quando um vento forte os activa.

A sua extincção exige um pessoal numeroso munido de machados, serras, croques, pás, enchadas, n'uma palavra, de tudo que é necessario para derrubar arvores, tirar mato, arrancar herva e cavar o solo.

Chegado ao local, o chefe procura primeiro informar-se exactamente da direcção do fogo, da rapidez da sua marcha e dos seus progressos: depois colloca os trabalhadores contra o vento, n'uma linha parallela á zona do incendio e a distancia tal que as chammas não tenham tempo de a galgar antes que se consiga fazer um fosso ou formar uma immensa clareira deante da qual o fogo venha morrer por falta de alimento. Os caminhos, fossos e outros logares já privados de vegetação são escolhidos de preferencia para essas operações.

Quando se abrem vallas, unico meio aliás de deter a inflamação subterranea da turfa e do torrão atirar-se-ha para diante a terra extrahida de maneira a estabelecer com o parapeito um segundo obstaculo á propagação do incendio.

Se não ha tempo d'alargar convenientemente o espaço destinado a deter o incendio, destroe-se por meio do fogo tudo o que fór combustivel ao longo da valla, sobre uma largura d'alguns metros, calculada segundo a força que o vento imprime ás chammas. Por este modo, ao chegar deante d'esses trabalhos o primeiro fogo já não achará alimento sufficiente para se comunicar as plantações situadas para além. Convém no emtanto attender a que o fogo que se accende entre o grande incendio e a valla não vá por si proprio, atear-se, especialmente pelos ramos superiores das arvores, ás partes que se procuram resguardar.

Se se trata simplesmente d'hervas, mattos ou grãos que ardem, podem muitas vezes apagar-se batendo-os com ramos d'arvores de dous a tres metros de cumprimento. N'essas circumstancias os trabalhadores vão por excepção seguindo a marcha do fogo, em vez de se exporem ao vento, caso em que se collocariam n'uma posição perigosa.

(Continua).

ORGANISAÇÃO DOS SOCCORROS CONTRA INCENDIOS EM FRANCFORT (ALLEMANHA)

O pessoal de soccorros contra incendios na cidade de Francfort, compõe-se d'um corpo permanente e d'um corpo de voluntarios com cerca de quatrocentos homens.

O corpo permanente divide-se em tres secções. Cada secção está de serviço durante dous dias e duas noites, e de folga durante vinte e quatro horas. Duas secções completas estão pois constantemente de guarda.

Segundo um dos relatorios officiaes, eis por miúdo o effectivo do corpo e organização do serviço :

O corpo dos bombeiros compõe-se d'um director de serviço, d'um chefe, d'um ajudante, de cinco bombeiros em chefe, de quarenta e dous bombeiros, cinco clarins ou corneteiros, dous telegraphistas, um ajudante de telegraphista, dez agulhetas e doze cocheiros.

Os bombeiros em chefe, os bombeiros e os clarins, têm alternativamente quarenta e oito horas de serviço consecutivo e vinte e quatro de descanso, quando não ha incendios ou qualquer accidente. Os tres empregados do telegrapho fazem alternadamente o serviço e estão encarregados da conservação dosapparelhos com a ajuda d'um empregado especial. Dos dez agulhetas, oito estão de serviço durante a noite, os outros dois descansam. Os cocheiros dividem entre si o serviço de dia e de noite.

O corpo dos bombeiros voluntarios dispõe para o seu material de oito locais repartidos pela cidade a distancias pouco mais ou menos eguaes. Tem um terreno especial para as suas manobras.

ii.—A agua é fornecida pelo encanamento da companhia municipal das aguas, que são sujeitas a uma pressão de tres atmosferas. Graças a essa pressão, a agua pôde ser projectada das bocas d'incendio e lançada sem auxilio das bombas a uma altura de vinte metros. São pois as bombas usadas raras vezes.

iii.—O posto da secção permanente e as estações das bombas communicam entre si e com os guardas collocados nas torres das igrejas, por meio de telegraphos especiaes installados para este serviço. Um grande numero de estações telegraphicas foram estabelecidas em todos os pontos da cidade e permitem ao publico o pôr-se directamente em relação com o posto central.

iv.—Os meios de socorros nos theatros e nos estabelecimentos publicos e industriaes, consistem em bocas d'incendio collocadas nos diversos andares d'esses edificios e em aparelhos telegraphicos communicando com o posto central de socorros. Os madeiramentos dos theatros são cobertos d'uma camada de vidro solúvel que os preserva das chammas. A nova Opera está munida d'uma rêde de encanamento d'agua (systema chamado de Munich) que cobre toda a scena e por meio da qual se poderia, em caso de perigo, fazer cahir uma massa consideravel d'agua.

v.—O corpo dos bombeiros permanente, compõe-se d'homens com menos de trinta e cinco annos, d'uma forte organização e tendo já militado. A administração recruta de preferencia individuos que têm trabalhado na construcção de edificios, limpa-chaminés ou profissões analogas.

O soldo dos bombeiros é de 1:000, 1:100 e 1:200 marcos (1:250, 1:375 e 1:500 francos) segundo a antiguidade do serviço. Alguns d'elles, qualificados *Oberfeuertochrmanner* (especie de sargentos dos sapadores bombeiros francezes) têm um soldo de 1:350 marcos (1:687 francos).

Além d'isso todos têm para uniforme 120 marcos (150 francos) por anno.

O corpo dos bombeiros voluntarios elege por si proprio o commandante e os officiaes. No local do incendio, é no emtanto, subordinado ao commandante da secção permanente. Os bombeiros voluntarios não são

retribuidos, mas material e uniforme fornece-lh'os a cidade. Os officiaes fazem o serviço dos theatros d'accordo com os do corpo permanente. Tem vinte e quatro cavallos, a cavallaria do corpo.

A somma votada annualmente para o serviço de socorros contra incendios sobe a 90:000 marcos (112:5000 francos) para uma população de 103:000 almas.

vi.—O corpo de bombeiros tem tres carros para transportar os homens para o local do incendio, tres carros de bombas, um carro para o material, uma escada mechanica, tres carretas para conducção d'aguas, treze bombas com viatura e seis bombas de reserva.

vii.—Onze bombas com viatura e sete bombas de reserva são levadas a braço pelos bombeiros voluntarios: as outras bombas e carretas são tiradas por cavallos que estão arreados dia e noite nas cavalhariças do posto central.

viii.—O telegrapho d'incendio comprehende oito linhas que partem d'um ponto central, a estação central das bombas, e estendem-se em todas as direcções da cidade.

Cada linha tem um certo numero de estações onde são recebidas as communicações destinadas a ser transmittidas ao posto central.

As estações são de duas especies: as que só tem um avisador ou apparelho automatico e as que possuem um apparelho completo de correspondencia.

As estações das duas categorias são estabelecidas de modo que de qualquer ponto da cidade não se tem a percorrer para lá chegar, distancia superior a meio kilometro.

As estações são indicadas por uma grande taboleta fixa no muro da casa com a indicação: *estação para annunciar incendios*. Estão munidas d'um sino com a seguinte inscripção: *sino de alarme*.

Além d'isso, em diferentes placas, nas ruas, se vêem indicações da estação telegraphica mais proxima.

As estações estão abertas de dia e de noite.

Os aparelhos automaticos são construidos de madeira que podem ser manejados pelo primeiro que chegar. O machinismo para a transmissão do signal d'alarme está fixado na parede, n'um pequeno armario collocado de frente e fechado por uma porta envidraçada. No lado posterior do armario está um quadrante de porcellana com a inscripção: sino d'alarme. Diante vê-se um cordão. Puchado elle, o apparelho põe-se de per si em movimento e dá o signal d'alarme na estação central.

As estações munidas d'apparelhos de correspondencia, são indicadas por uma inscripção em caracteres grandes. Podem ser estabelecidas á custa dos proprietarios interessados e n'este caso estão, como as outras, á disposição do publico, mesmo durante a noite. Ha quarenta estações para os bombeiros voluntarios, oito para o corpo permanente e vinte e tres para os agentes de policia.

Os que se servem inutilmente ou sem motivo dos aparelhos de prevenção são severamente perseguidos e punidos, (§§ 311 e 318 do codigo penal do imperio allemão).

Os chefes, os encarregados do signal de prevenção no corpo de bombeiros, a parte do corpo permanente que não está de serviço e uma secção de policia, são prevenidos dos incendios por meio d'apparelhos *desperadores* (campainhas d'alarme) collocadas nas suas habitações e que estão em communicação por uma corrente electrica com as estações telegraphicas de correspondencia.

Além d'isso a vigia é feita no campanario de Santa Catharina por um vigia e um supplente. O mesmo succede na torre d'Eschenheim. Na torre de S. Paulo, a vigia é feita por dous bombeiros municipaes. Os campanarios de S. Paulo e de Santa Catharina estão em relação com o posto central das bombas e providos cada um d'um *telephone*.

Para esse effeito em cada uma das estações está uma tecla correspondente ás moradas:

1.º do commandante e do ajudante dos bombeiros voluntarios: 2.º do chefe e dos encarregados do alarme de cada um dos quartéis dos bombeiros voluntarios: 3.º dos homens do corpo permanente: 4.º do corpo de policia.

Os proprietarios ou visinhos d'uma casa onde o fogo se declara ou quem o descobrir deve dar o alarme sem demora por meio dosapparelhos telegraphicos.

ix.—A direcção geral dos soccorros, bem como a dos bombeiros voluntarios e do corpo permanente, pertence ao *Brandtdirector* (director do incendio) ou ao seu supplente pelo tempo que tarda em comparecer no local do incendio o chefe da policia.

Chegado este, o director do incendio só conserva a direcção technica dos soccorros. Essa direcção consiste em dar as ordens necessarias para combater o fogo, operar a salvação das pessoas e dos bens.

Tem-se contado em Francfort, nos ultimos anos, uma media de cinco incendios grandes, trinta incendios medianos e oitenta incendios pequenos.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

Sob a presidencia do sr. Alberto Borges de Castro, servindo de secretarios os srs. Luiz da Terra Pereira Vianna e Bernardo Gonçalves, reuniu-se nos dias 24 e 25 do corrente a Assembléa geral d'esta associação, para discutir e votar o projecto d'estatutos elaborados por uma commissão especial para esse fim nomeada.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE VIANNA

Já está definitivamente organizada a associação dos Bombeiros Voluntarios de Vianna.

N'uma reunião ultimamente realisada ficaram eleitos os seguintes cavalheiros, que hão de gerir os negocios da nascente e auspiciosa instituição:

Presidente, Boaventura José Vieira, engenheiro civil; vice-presidente, João Thomaz da Costa, capitão de engenheiros e director das obras publicas; 1.º secretario, José Maria Caldeira; 2.º secretario, João José de Carvalho; e thesoureiro, Antonio José Ferreira.

Tambem resolveram eleger o primeiro e o segundo commandante, sendo escolhido para aquelle cargo o sr. Randolpho Correia Mendes, engenheiro districtal e cavalheiro a quem a futura associação já deve as mais

assignaladas provas de dedicação e zelo e para o ultimo, o sr. Antonio Adelino de Magalhães Moutinho.

Na reunião a que nos vimos referindo, foi consi-gnado, por unanimidade, um voto de louvor ao sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos Bombeiros Voluntarios do Porto, pelos auxilios, esclarecimentos e boa vontade com que se tem dignado coadjuvar, nos seus trabalhos, a commissão iniciadora.

INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 31 DE MAIO

26 de maio. — A's 11 horas e tres da manhã. Rua do Bomjardim n.º 999. Propriedade de D. Maria Gomes Lima, occupada por José Pereira Barbosa, Filho.

O incendio declarou-se no unico andar do predio destruindo o telhado e parte do soalho. Os prejuizos são avaliados em 500\$000 reis. A propriedade tinha o seguro na companhia Bonança. Trabalhou na extincção a bomba n.º 8, a primeira que compareceu e o material do carro dos bombeiros voluntarios. Compareceu tambem o pessoal e material do districto.

26 de maio. — A's 11 horas e tres quartos da noite. Mercado municipal do Bolhão. Barracas n.º 28 e 29, occupadas por Maria Ramos e Ermelinda do Valle. O fogo destruiu as duas barracas onde estavam arrecadados grande porção de canastras e instrumentos de lavoura communicando-se á casa da guarda que lhe fica contigua, damnificando-a bastante. Trabalhou na extincção a bomba e carro dos bombeiros voluntarios, que primeiro compareceram e o carro municipal n.º 1. Desconfia-se que o incendio não fosse casual.

Correspondencias

LISBOA, 30 DE MAIO DE 1881

(DO NOSSO CORRESPONDENTE)

A direcção da fabrica de fição e tecidos lisboense enviou um officio á corporação dos bombeiros voluntarios de Belem, agradecendo-lhe os serviços prestados pela occasião do incendio que ultimamente ali se manifestou, e louvando por este modo aquella benemerita associação.

Esse incendio, como tive occasião de dizer na minha ultima correspondencia, foi o occorrido no dia 11 do corrente.

—Os bombeiros voluntarios de Lisboa tem tido exercicios nocturnos na escola municipal da rua da Inveja, sendo dirigidos pelo seu chefe o sr. Shore.

—Da mesma corporação, partiu para Madrid o sr. José Cardoso a assistir as festas do centenario de Calderon. N'uma carta d'um amigo que tenho á vista e que ali está presentemente vejo que a associação dos bombeiros voluntarios d'esta cidade tambem se fez representar n'aquellas solemnidades pois que no prestito civico figurava um bombeiro voluntario portuense devidamente uniformizado.

—O sr. José Venancio de Jesus, segundo patrão de bomba do serviço de incendios d'esta cidade foi promovido no logar de 1.º patrão, vago pelo fallecimento do sr. José Antonio da Silva, e para o logar d'aquelle foi promovido o aspirante o sr. Alfredo Augusto Corêa e Costa.

—Narraram-me ha dias um facto occorrido com alguns bombeiros municipaes a proposito d'um supposto incendio n'um quintal, á praça das Flores. Parece que um mal entendido zelo deu causa a uma pendencia entre os bombeiros que ameaçavam forçar a entrada do quintal e alguns individuos que lh'a vedavam. A presença d'um ajudante da inspecção poz termo ao desaguiado que para lustre d'uma corporação cuja sollicitude e actividade o publico conhece e aprecia, decerto se não repetirá porque o publico e os bombeiros comprehenderão decerto até onde chegam os seus direitos e as suas attribuições.

—A subscrição aberta entre a corporação dos bombeiros voluntarios de Lisboa, para erigir o jazigo para os restos mortaes do seu pranteado instituidor, o sr. Guilherme Coussul, já está superior a 1:200\$000 reis. O habil esculptor o sr. Simões d'Almeida é como já dissemos, o encarregado d'essa obra.

—Foi agraciado com a medalha de prata o sr. Alfredo Placido da Silva, a quem sua magestade gratificou do seu bolsinho com 45\$000 reis pelo acto humanitario que praticou salvando dois menores que correram grave risco no incendio que houve na loja do predio do pateo do Tijolo, no dia 8 do corrente.

O sr. Placido da Silva foi acompanhado ao Paço pelo sr. governador civil, sendo a medalha dada áquelle cidadão, por Sua Magestade.

—Segundo me consta, acaba de organizar-se n'esta cidade, uma associação que se intitula *associação humanitaria de soccorros pharmaceuticos nos incendios*.

C.

INCENDIOS NAS PROVINCIAS

Houve em Guimarães, no dia 16 do corrente, um incendio em uma casa que servia de deposito de lenhas, pouco acima do logar chamado Madre de Deus, a pouca distancia d'aquella cidade.

Informam-nos que foi devorada pelas chammas uma grande porção de lenha e parte da casa que a guardava.

No dia 20 do passado, houve em Coimbra um incendio que informações fidedignas narram do seguinte modo:

«Hontem, 20, pelas 4 horas da tarde, os guardas 70 e 80 deram parte nas esquadras que se tinha manifestado incendio em umas casas da freguezia de Santa Cruz, do lado esquerdo da estrada que conduz á estação do caminho de ferro, e pertencentes ao commendador Francisco da Silva Oliveira.

O fogo communicou-se com extraordinaria rapidez ás outras casas pertencentes ao mesmo proprietario,

ardendo completamente os predios que tinham os n.ºs 1, 3, 5, 7 e o outro junto ás Portas de Santa Margarida, com os n.ºs 25, 27 e 29, chegando a communicar-se para a casa que tem os n.ºs 21 e 23, e que foi cortada, evitando que se propagasse ás outras.

Infelizmente o vento que soprava do nordeste fez com que se communicasse o fogo á casa fronteira, pertencente a José Baptista e habitada por Joaquim Martins, taberneiro, e pelo francez Beltrão Berrier.

D'este lado o fogo tornava-se muito mais perigoso em razão de haver depositos de polvora nas lojas habitadas pelos fogueteiros: tinha-se já removido alguma porção de polvora; sabendo, porém, que ainda existia muita nas casas contiguas áquella de que já estava incendiado o ultimo andar, o commissario e o amanuense d'este commissariado, Cesar Augusto da Rocha Freitas, entraram nas referidas casas e fizeram conduzir para fóra duas arcas de polvora e um sacco cheio de bombas, que o digno governador militar d'esta cidade fez em seguida transportar para a pedreira que fica ao lado da igreja de Santa Justa, e ahi mandou collocar sentinellas.

Finalmente dominou-se o fogo pelas 8 horas da noute e só houve á lamentar a desgraça de ser queimada por uma explosão de polvora uma mulher, a qual foi conduzida ao hospital.

Os individuos que mais se distinguiram pelos serviços prestados durante o incendio foram, José Antonio de Souza, estudante do 3.º anno de Direito, Luiz Paulo de Aguiar, furriel do 13 d'infanteria; Gomes Palma, estudante do 2.º anno de Direito; Malaquias de Sá, 2.º sargento d'infanteria 4; Solano de Abreu, estudante do 1.º anno de Direito; Justiniano Julio de Abreu, 2.º sargento do 17 d'infanteria; e José da Cunha Novaes Junior, 2.º sargento d'infanteria n.º 10.»

No dia 23 do passado, em Guimarães e pelas 11 horas da manhã, deram algumas torres signal de incendio, o qual se havia manifestado em um predio da rua d'Alegria, pertença do sr. João de Castro Sampaio, um dos Gerentes do Banco de Guimarães.

Foi promptamente debellado, devido isso aos promptos soccorros.

Varias noticias

A primeira brigada da companhia de incendios d'esta cidade, terá exercicio na eschola de bombeiros em S. Lazaro, pelas quatro horas da madrugada d'hoje. A segunda brigada terá o mesmo serviço e á mesma hora, no dia 3 do corrente.

Em Faro e sob a iniciativa do sr. Duarte Holbe-

che, vae organisar-se um corpo de bombeiros voluntarios.

Foi nomeado thesoureiro interino da associação dos Bombeiros Voluntarios de Braga o sr. Antonio José Henriques de Mattos.

O basar promovido pela associação dos Bombeiros voluntarios da Regoa em beneficio do seu cofre, produziu desde o dia 8 a 10 do corrente, a quantia de réis 342\$245.

No dia 3 do mez passado foi destruido por um incendio um predio na praia Manduco, em Macau, onde se achava estabelecida uma pharmacia china.

INCENDIOS NO ESTRANGEIRO

A respeito do incendio que reduziu a um montão de ruinas a cidade de Buenaventura como noticiamos no nosso ultimo numero, temos mais os seguintes pro-moiores, em data de 21 do passado:

Um espantoso incendio destruiu tres quartos das habitações. Só escapou o bairro da Virgem de Lorna. Houve numerosas victimas. Até agora não se encontraram nos escombros, ainda fumegantes, senão oito ca-veres carbonisados.

Em Segovia (Hespanha) manifestou-se ha dias um pavoroso incendio, que reduziu a cinzas quatro casas.

E' atterrador o estado das familias das victimas do sinistro, que ficaram reduzidas á miseria.

Não occorreu desgraça alguma pessoal.

Chronica Quinzenal

Ao pegar na penna para fazer a chronica d'este periodico, sinto-me ainda impressionado com a descripção do bôbo feita por Baudelaire, que tenho ao lado

sobre a minha escrivantina e que parece olhar-me com um sorriso de escarneo. É que não sei por que eu acho que o chronista tem uma relação de similhaça com o typo que elle magistralmente descreve.

Baudelaire não se indigna imprecando a Providencia pelas disformidades d'esse typo lendario, não fulmina os reis pela irrisão a que expunham o desgraçado, vestindo-o extravagantemente de europeis e coroando-lhe a cabeça disforme com um diadema de papelão esmaltado de lentejoulas e encimado por um par de pontas retorcidas de bode. Não. Baudelaire descerra o seu sorriso gelado e funebre, e faz-nos assistir a uma longa agonia em que o desgraçado se estorce invocando os Deuses para que ao outro dia lhe ponham na bocca rasgada umas facecias originaes e espirituosas que tenham o magico poder de desannuiar as feições contrahidas do augusto personagem que o sustenta como a um dos seus cães favoritos. É horrivel o quadro. Parece que sentimos os dentes do aborto rangerem nos estertores d'uma colera impotente.

O chronista se não é precisamente—bôbo—tem comtudo umas obrigações a que não pôde fugir.

A tarefa a que mette os hombros, acarrreta-lhe o dever de, pelo menos, não ser massador. Se não corre o risco de perder protecções, corre comtudo um immenso perigo que lhe põe n'um potro de torturas o seu melindre—tudo que mais presa:—Não merecer ser lido. É uma especie de espada de Damocles que os encanecidos nas letras muitas vezes não evitam, quanto mais quem se apresenta na arena sem a mais insignificante bagagem litteraria!

Para os ultimos ha um recurso quasi infallivel: appellar para a indulgencia dos leitores. = Sigo, pois, este alvitre e. . . principio.

Ninguem falla senão em Calderon! Ha um entusiasmo febril pelas festas imponentes com que a Hespanha commemora o centenário do seu grande poeta e dramaturgo. Em toda a parte se narram com em-phase estiradas descripções dos principaes festejos. Os telegrammas, as correspondencias são avidamente devoradas por aquelles a quem as suas occupações ou meios de fortuna cortaram a aspiração de poderem assistir ás festas. Como eu, contentam-se em crear na phantasia as imponentes assembléas, os jantares opi-paros, as magnificencias da procissão cívica, os deslumbramentos das illuminações, as ovações da multidão, o entusiasmo das ardentes hespanholas, a musica característica das estudantinas, e finalmente chegam a convencer-se de que estão realmente em Madrid. Ha de haver menino, que, fechando os olhos, persuadir-se-ha que ouve os discursos dos oradores, os *toasts* entusiasticos dos jantares, que assiste ao desfilar do cortejo, que sente chorarem-lhe os olhos com os lumes das illuminações, que tem de tapar os ouvidos por não poder supportar os brados calorosos da multidão, que applaude freneticamente a estudantina, e até, oh doce illusão! que ouve a voz meiga d'uma hespanhola de olhos pretos como asevice murmurar-lhe ternamente: *me llevas a Portugal, querido?*

É o cumulo da imaginação esquentada!

O *Commercio Portuguez*, jornal que se presa, commemorou o centenário em numero especial com o re-

trato de Calderon e inserindo artigos relativos ao poeta, dos nossos mais conhecidos escriptores.

É uma homenagem digna, e serve para mostrar mais uma vez que Portugal sabe associar-se sempre ás grandes commemorações que mostrem o progredir d'um povo.

Nos arraiaes politicos da nossa burguezia e pacata cidade, já de ha muito se não sentia o mais leve sopro de vida. Tinham-se ensarilhado as armas aguardando occasião propicia para se romperem abertamente as hostilidades. Esperava-se pacientemente a reabertura das camaras, e no caso de dissolução, as escaramuças de proximas eleições. Porisso um profundo lethargo pairava sobre os arraiaes. Estava-se na expectativa.

Ha dias, porém, produziu-se um movimento desacostumado. Haviam enthusiasmos abafados e nos rostos dos influentes descontentes, especialmente, appareciam uns clarões d'umas alegrias desacostumadas, estranhas. Sabia-se que Dias Ferreira e Pinheiro Chagas vinham inaugurar aqui um centro constituinte. Preparavam-se ovações e pela primeira vez fallou-se muito na *patrulha*, nas suas ideias, no seu programma, no seu futuro e nas probabilidades de muito em breve montar o estafado sendeiro da governação. Como para os soes que se levantam enxameiam sempre adoradores, Pinheiro Chagas e Dias Ferreira expuseram diante de numeroso concurso o seu credo politico.

Dias Ferreira, o polemista distincto, por espaço d'uma hora prendeu as atenções. Elle fallou tão bem que fez esquecer, que ha poucos mezes ainda se mostrou inimigo dos melhoramentos que o Porto reclamava. Felizmente, elle agora já não pensa assim. Vejam como as coisas mudam!

Dias Ferreira conheceu (mais vale tarde que nunca) que o Porto tem sido sempre votado ao ostracismo e que são de toda a justiça as suas pretensões. Até que enfim! Ao terminar foi calorosamente applaudido. Era da praxe.

Sucededeu-lhe Pinheiro Chagas.

O talentoso tribuno electrizou, fascinou o auditorio. Não sei quem o possa exceder no vigoroso da ideia no rendilhado da phrase. Esplendido! Que as auras felizes soprem, e lhes tornem favoravel o suffragio popular!

Um dos acontecimentos, por certo o mais notavel da quinzena, foi a apparição de um novo periodico diario, a *Folha Nova*. O novo campeão não se filia em partido algum. De ideias avançadas, lastimando a pessima direcção que tão profundamente tem feito declinar o paiz, apresenta-se na arena de lança em riste, soberbo de indignação, disposto a arremessar o guante e aceitar o combate de quem quer que seja que se atreva a levantá-lo.

E' seu redactor principal Emygdio d'Oliveira. Secundam-n'o Jayme Filinto, Queiroz Velloso, Castro Neves, Feliciano Ferreira, Joaquim Coimbra, Roque, etc. Uma pleiade de rapazes de talento, esperançosos, cheios de vida.

Ha muito que se não apresenta nas lides espinhosas da imprensa jornal algum que mais elementos offereça d'uma longa prosperidade.

A sua apresentação devida á penna de Emygdio d'Oliveira, é um primor. Em duas linhas define claramente o caminho escolhido. Segue-o sem vacillar e estou certo que jámais olharão para traz.

Recordem-se que a mulher de Loth por uma vez o ter feito, ficou perpetuamente parada convertida em estatua de sal. A'vante pois!

Nos theatros ha uma agitação devéras extraordinaria. Uma concorrência immensa invade todas as noites as salas de espectáculo e lá dentro ouvem-se os applausos calorosos, os *bravos* espontaneos, sinceros.

A empreza do Principe Real viu-se obrigada a suspender os seus trabalhos para ceder a casa ás visitas. A companhia da rua dos Condes e Gymnasio tem funcionado n'ella.

A primeira deu-nos uma longa serie de espectaculos com a revista do espirituoso Argus (Antonio de Menezes) o *Tutti-li-mundi*. E' um kaleidoscopio onde lentamente se patenteiam aos espectadores os vultos mais notaveis da politica do nosso paiz com seus ridiculos, as suas insignificancias e as suas nullidades.

Especialisaremos Longa-Lingua, o Poder, a Politica, o Preto, o sr. Pancrácio Portugal que se estorcem no decorrer da peça fulminados pelas tiradas violentas mas exuberantemente claras e sinceras do typo principal — O Bom Senso. O Zé Povinho, esse eterno bode expiatorio da nossa politica leprosa, é soberbamente desempenhado. A ingenuidade com que elle principalmente consente a titulo de impostos para salvar o paiz que lhe despejem as algibeiras magras, faz profunda impressão no espectador que pela primeira vez no final do espectáculo conhece a profunda verdade da situação rachitica em que o paiz está collocado por uma successiva politica facciosa e torpe. Antonio de Menezes foi implacavel. O seu bistouri crava-se profundamente n'aquellas podridões. Posser, Franco Faria, Sophia d'Oliveira e Costa, incarnaram-se nos seus papeis de que foram fieis interpretes nas creações do auctor. A Antonio de Menezes o nosso parabem.

O Gymnasio desde a sua estada n'esta cidade tem já representado as seguintes peças: — *Casamentos ricos*, *Condessa Heloisa*, *Jesuitas*, *Purgatorio de Casados*, *Medico á força*, *Ultimo Capricho*, *Bêbê*, *Bismark em Varzim*, *Saltimbanco*, *Francez e Inglez* e *Casamentos ricos*, engraçada comedia accommodada á scena portugueza pelo conhecido escriptor Gervasio Lobato. É cheia de situações comicas, mas tão habilmente tratadas que passam despercebidas á maior parte das frescuras em que abunda. O dialogo é espirituoso e fino, os typos verdadeiros.

Barbara (sr.^a de Sainte'Herminie) é esplendida de graça e põe a tractos com sua pronúncia afrancezada a nossa lingua, com uma distincção de verdadeira *cocotte* de sala.

Montedonio, o soberbo typo de commendador *factotum*, é impagavel. Chico, Taborda, chega-nos a fazer desejos de lhe pedir que não nos faça rir mais. Antonio Pedro, é um velho pretencioso, tão cheio de verdade que nos faz imaginar que já vimos um typo assim

em qualquer situação da nossa vida e do que nos recordamos vagamente. Os demais muito regularmente contribuíram para o bom exito que a peça obteve entre nós.

A *Condessa Heloisa* é um *lever de rideau* que proporciona a Polla a occasião de mostrar a elegancia com que costuma dizer.

Os Jesuítas é um drama massudo, traducção do italiano que em nada se recommenda. Correu friamente e assim devia succeder.

A companhia de Emilia Adelaide já em antes o tinha posto em scena com o mesmo exito.

Emquanto ao desempenho manda a verdade dizer-se que não foi inferior o que esta companhia lhe imprimiu. Ponto.

O *Purgatorio de Casados* é uma *pochade* sem enredo algum e que se salva pelo desempenho de Montedonio e Jesuina.

O *Medico á força*, esmeradíssima traducção de Molière pelo finado visconde de Castilho, encontra em Taborda e Jesuina os fieis interpretes de Sgnarello e Martinha. Taborda e Jesuina dizem como mestres que são, com uma admiravel clareza o difficil verso com que a peça se acha traduzida. Roque (Lucas) contribuiu para o distincto desempenho que essa producção obteve.

Ultimo capricho. Bom para se representar em familia. Para theatrinho particular seria esplendido.

Bébé. Francamente não gostamos. Vimos ahí ainda ha bem pouco tempo Antonio Pedro e a companhia do Principe Real exhibirem essa primorosa traducção do conhecido e talentoso escriptor Pinheiro Chagas e na nossa opinião souberam imprimir-lhe um superior desempenho.

Gama (sem querermos offender susceptibilidades) comprehendeu melhor do que Polla, o typo de Karnanigous. Diniz deu-nos um *bébé* azougado e vivo que Mello não pôde eclipsar. Firmino no Barão nada ficou a dever a Montedonio. Foito no amigo de *bébé* teve uma malicia escondida pela capa da hypocrisia que Eloy não soube comprehender. Emfim (que Antonio Pedro nos perdôe) gostamos mais d'elle da outra vez.

Os artistas do Principe Real nada perderam com o confronto.

Bismark em Varzim é uma comedia espirituosa, originalissima. Gostamos de ver n'ella Antonio Pedro e Taborda que foram esplendidos no seu desempenho.

Saltimbanco. Ainda nos sentimos impressionados com as bellezas d'esse primoroso trabalho de Antonio Ennes. E' um d'esses dramas feitos de molde para arrancar ás multidões lagrimas sinceras. Cheio de situações pungentissimas concentra em si as almas dos espectadores, que suspensos dos labios dos actores não perdem uma só d'aquellas phrases sublimes, d'aquelles gritos lancinantes d'um pae — um heroe, d'uma filha — uma martyr. Antonio Pedro na sua creação de protagonista — Falla Só, é admiravel. E' assombroso. Por nossa parte ficaríamos a applaudil-o freneticamente sem nunca nos cançarmos.

Beatriz (Alice) interpretou fielmente essa creação vaporosa. Amelia Vieira a quem já vimos n'este mesmo papel, apesar do seu peregrino talento, não o comprehendeu melhor que Beatriz. E' pena que ella em certas situações tenha soluços de mais na voz.

A companhia de Emilia Adelaide, devido ás obras que actualmente se estão fazendo no theatro Baquet, funciona provisoriamente no real theatro de S. João.

Tem em scena *A morgadinha de Valflor*, concepção brilhante de Pinheiro Chagas e destinada a Emilia Adelaide.

O drama está posto em scena magistralmente.

Emilia Adelaide é sempre a irrequieta e bondosa Leonor, victima d'uma paixão fatal. Ninguem como ella até hoje soube comprehender aquellas luctas d'orgulho offendido e da paixão que despona, como a eminente actriz.

Alvaro (Luiz Fernandes) appareceu-nos completamente transformado. Ao contrario de todos os actores que voltando das terras de Santa Cruz se esquecem de trazer o talento que para lá levaram, elle patenteia-nos claramente que estudou e que soube corrigir-se dos pequenos senões que lhe apoucavam por vezes os seus trabalhos.

Applaudimol-o sinceramente e elle deve orgulhar-se de que até hoje nunca ninguem desempenhou como elle o seu sympathico papel.

Emilia Eduarda, muito bem. Os demais artistas fazem um conjunto muito regular.

Diniz, um actor estudioso, modesto, original por umas gargalhadas de que só elle tem o segredo, faz em breve o seu beneficio com a engraçada comedia *Parentes e trastes velhos*, traducção de Pinheiro Chagas e a opereta o *Dia de Juizo*, traducção de Borges d'Avelar.

Deve ser uma noute bem passada porque as comedias são espirituosas e despertam gargalhada.

A companhia do theatro Principe Real resolveu-se a ir dar uma serie de espectaculos a Lisboa, para onde brevemente partirá. Por seu turno espera-se no theatro que aquella companhia deixa devoluto, a primorosa troupe do theatro de D. Maria II. Vamos pois ter occasião de ouvir, além do seu selecto repertorio, *O grande homem* e *Os dous sargentos*, ultimamente alli representados.

Resta-me agora agradecer-lhes a condescendencia com que me aturaram e se me desculpam peço licença para me retirar.

Maio, 29.

BRAZ DE PAIVA.

ESPECTACULOS

Quarta-feira, 15 de Julho de 1881. — Theatro Principe Real. 19.ª recita da Sociedade Dramatica de Amadores Luz e Caridade, a favor do cofre das viuas e orphãos dos socios da Sociedade Benefica de Santa Izabel, Rainha de Portugal. A pedido a segunda e ultima representação da comedia em 5 actos, traducção do socio o exc.º sr. Benjamin d'Oliveira *Um chapéu de palha d'Italia*. Orchestra dos socios amadores. Principia ás 9 horas da noite em ponto.

Os bilhetes vendem-se nas tabacarias dos srs. Freitas & Azevedo, aos Clerigos; Havaneza, Praça de Carlos Alberto, 126; e nas pharmacias Barros, rua do Bomjardim, 1085; Loureiro, rua da Rainha, 228.

Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, S. Domingos, 74.